

O ritual e os elementos da adoração

Ritual é a forma de conduzir a adoração. Todas as igrejas têm, necessariamente, uma forma de conduzir o culto. As que dão maior importância ao ritual são tidas como igrejas formais, ritualistas ou litúrgicas. As que não o fazem são igrejas informais, contemporâneas, não ritualistas. Algumas pecam pelo excesso de ordem; outras pela completa desordem. Devemos buscar o equilíbrio, levando em conta o que as Escrituras dizem sobre a *verdadeira adoração* (Sermão VI da série Igreja Povo de Deus, no site da igreja). Alguém chamou o ritual litúrgico de “*maneiras à mesa de Deus*”. Essa imagem ajuda-nos a lembrar de que há um cerimonial a seguir, por mais simples que seja.

1. As boas maneiras à mesa não devem tolher ou sufocar os participantes. Como funciona em casa? Os membros da família sentem-se amados, aceitos, irmanados e alegres na presença uns dos outros? A formalidade excessiva é barreira para a comunhão e a comunicação. Ficam todos afetados. Quem se lembra da família Von Trap antes das mudanças empreendidas pela Noviça Rebelde?

2. As boas maneiras à mesa têm como base a absoluta sinceridade. Boas maneiras na casa de Deus não exigem, necessariamente, formas impressas e rígidas. Mais importante que isso é a sincera expressão da nossa gratidão a Deus. As formas podem ser diferentes, as mais adequadas para cada cultura e para cada ocasião, mas têm que ser sinceras. Formas externas que não expressam sentimentos verdadeiros de admiração, amor e gratidão a Deus, ou que não resultem de uma vida autenticamente cristã, são hipocrisia. Leia Is 1.11-17; 29.13; Mt 5.23-24.

3. As boas maneiras à mesa exigem consideração pelos outros. Os participantes devem controlar sua individualidade para não distrair, perturbar ou mesmo ofender os outros. Coisas tais como sair para beber água etc., conversar e usar celular roubam a concentração do pregador e distraem a congregação. “Aleluias!” e “Améns!”, têm seu lugar quando sinceros e apropriados, nunca exagerados ou exibidos. O Apóstolo Paulo precisou corrigir o caos litúrgico da igreja de Corinto. Lembrou-lhes que os dons espirituais são distribuídos pelo Espírito “*para o benefício de todos*” (I Co 12.7). E acrescentou: “*cuidem uns dos outros*” (v.25); “*Tudo que for feito... deverá fortalecer a todos*” (14.26), “*Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz...*” (14.31-33). A adoração é teocêntrica, voltada para Deus; os adoradores cooperam uns com os outros para que todos adorem “*em espírito e em verdade*” (Jo 4.24).

O propósito do ritual, quer façamos ou não amplo uso dele na adoração, é (a) proporcionar-nos um modo ordeiro de glorificar a Deus por tudo o que ele é; (b) lembrar e agradecer suas bênçãos; (c) aprender a fazer sua vontade na vida.

Os elementos da adoração

a) *Pregação*. É central na adoração. A pregação bíblica exalta os atributos divinos e a obra de Cristo; e, assim, confronta os homens com a necessidade de arrependimento, fé e santificação (Rm 10.17; Tg 1.21-22).

b) *Cânticos*. Estes, além de louvar a Deus por seus maravilhosos atributos, são, em muitos casos, uma forma de pregação e ensino. Nos Salmos, há muitas passagens que nos animam a louvar a Deus com cânticos e com instrumentos musicais (Sl 92.1-5). O Novo Testamento relaciona a vida cheia do Espírito com o louvor (Ef 5.18-19). O valor dos cânticos, seja de hinos tradicionais ou cânticos mais atuais, não

está na qualidade da música (embora devamos oferecer o melhor), mas na doutrina, clareza, sinceridade e propósito do louvor.

c) *Oração*. Jesus orava com seus discípulos. Os primeiros cristãos “*perseveravam... na comunhão... e nas orações*” (At 2.42). Há grande valor na oração comunitária, quando cristãos irmanados pela fé e pelo amor se prostram diante de Deus e reconhecem que tudo que têm e são vem de Deus e que sem ele nada podem fazer.

Pr. Éber Lenz César

Publicado no boletim da Igreja Presbiteriana Libertas, Copacabana, Rio de Janeiro, 26/11/2017